

APRESENTAÇÃO

Marcos Del Roio
Presidente do
Instituto Astrojildo Pereira

As dificuldades crescentes que os EUA vêm encontrando no seu propalado desejo de refazer o mapa político do Oriente-Médio têm estimulado também a instabilidade das relações entre América e Europa e, principalmente, uma forte incerteza quanto ao quadro econômico dos principais pólos de acumulação capitalista. O vínculo direto e estreito entre armas e petróleo para fazer frente à crise do capital não tem sido capaz de gerar consensos amplos e fortes, ainda mais em se considerando que, um a um, todos os argumentos dos EUA para se apossarem das vias estratégicas de produção e escoamento de fontes de energia têm se mostrado falaciosos e fraudulentos. Pior, é sempre mais evidente que os métodos do terror em massa e da tortura fazem parte da estratégia operacional da ofensiva imperialista contra os povos. A Europa, por sua vez, além da forte propensão americanista da Grã-Bretanha, assim como de forças políticas conservadoras em outros países, deve enfrentar o desafio da incorporação de países eslavos relativamente atrasados e também com tendência a se aproximar dos EUA. Importa notar que a luta contra a guerra e contra o terror é a face mais visível do movimento antiglobalização, mas que também ocorre uma retomada da luta operária na fábrica em várias regiões.

Enquanto isso o Brasil tenta diversificar as suas relações econômicas internacionais, não só como forma de fortalecer a sua situação nas negociações para a formação da Alca, mas principalmente para encontrar opções de continuar navegando na instabilidade da crise capitalista global. No entanto, toda essa ação tem uma debilidade intrínseca, pois está marcada por uma política que visa apenas encontrar escoadouro para a produção agro-industrial articulada ao capital financeiro. A preservação dos interesses dos setores das classes dominantes mais ligados ao mercado mundial dificulta iniciativas mais sólidas visando o fortalecimento da soberania, que demanda, por suposto, um massivo investimento em produção de tecnologia, de ciência e de cultura, além de reformas sociais que penalizem os interesses do capital. Isso, no entanto, tem-se mostrado impossível por conta dos compromissos do governo Lula na preservação da ordem atual. A prioridade estabelecida na luta contra a crise fiscal obriga a realização de “reformas” que penalizam direitos sociais e que preservam o endereço privatista do conjunto das políticas públicas, da previdência social a pesquisa e ensino de nível superior, fazendo assim persistir uma grave crise social, grassando a fome, a doença e a ignorância.

Nessa situação difícil, em meio a agudas contradições, o novo movimento operário e socialista que vem se gestando tem que encarar questões de ordem estratégica, organizativa e programática, que necessitam, no entanto, de um enquadramento teórico substantivo que dê conta de apontar as tendências e as particularidades da contradição em processo, assim como das suas virtualidades emancipatórias. Um momento importante desse processo refundativo da esquerda é o reconhecimento da necessidade de uma forte carga internacionalista. Os textos que apresentamos nesse número da revista *Novos Rumos* tratam tanto do desafio programático, como de temas teóricos postos no debate do marxismo e do movimento socialista e de temas da realidade política e cultural do Brasil.